



Rel
MATEO
Luis

MUNICIPIO DE ALMEIDA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALMEIDA
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 25 DE ABRIL DE 2023
ATA N.º 10/2023

ABERTURA

Ao vigésimo quinto dia do mês de abril de dois mil e vinte e três, na freguesia de Almeida, no salão Nobre dos Paços do Município, sito na Praça da Liberdade, teve lugar uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal, sob a presidência do Senhor João Paulo Pires Rolim designado Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, em substituição de António Baptista Ribeiro, e sendo a mesma composta ainda, pela Senhora Mariana de Almeida Estevão, na qualidade de Segundo Secretário.

Eram nove horas e trinta quando, perante a presença de elementos convidados da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Almeida, do GRHMA e da respetiva Assembleia, o senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Almeida deu início à sessão solene comemorativa do 49.º aniversário do 25 de abril, com o içar da bandeira nacional no exterior dos Paços do Município, passando-se, de seguida, a sessão para o Salão Nobre onde, pelas dez horas se iniciaram as intervenções.

AUSÊNCIAS

A sessão teve início com a verificação de presenças e ausências.

Relativamente à composição da Assembleia Municipal em matéria de pedidos de substituições ao abrigo dos artigos 78.º e 79.º da Lei n.º 169/99 de 18 de setembro, mantida em vigor pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, e considerando que o Senhor António Baptista Ribeiro pediu substituição e que o mesmo exerce funções de Presidente da Assembleia Municipal, foi designado para exercer aquela função o Senhor João Paulo Pires Rolim, enquanto

que a sua substituição na Assembleia foi feita pelo senhor Carlos Henrique dos Santos Soares. Pediu igualmente substituição o senhor José Guilherme da Silva Abranches, substituído nos termos legais e regimentais pelo senhor José Carlos Monteiro. Considerando que os mesmos foram notificados nos termos legais e regimentais, estando presentes na sala e ser do conhecimento pessoal dos membros da Mesa da Assembleia Municipal a sua identidade e legitimidade, iniciaram aqueles, imediatamente, as suas funções como membros da Assembleia Municipal.

Ral-
Mário
Luis

Verificadas as presenças e dada a existência de quórum, com as faltas do senhor Manuel José Fernandes Gomes, António Joaquim Rodrigues, Amílcar Monteiro de Almeida e Alice Maria Ascensão Afonso, o senhor Presidente da Assembleia declarou abertos os trabalhos da Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Almeida, a qual teve como único ponto da Ordem de Trabalhos, a Comemoração Solene do 49.º aniversário do 25 de abril.

Pelo executivo camarário estiveram presentes: o Presidente da Câmara, António José Monteiro Machado, o Vice-Presidente Alcino Miguel dos Santos Morgado e os vereadores Maria da Nazaré Carrapatoso Paiva Ribeiro, Alexandre Manuel Fernandes Gonçalves e Catarina Manuel Batista Vilhena de Carvalho.

PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

VOTO DE PESAR – Falecimento do Senhor Doutor Henrique Viena de Carvalho

O senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal propôs a votação um Voto de Pesar pelo falecimento do Senhor Doutor Henrique Viena de Carvalho, pelo seu percurso e exemplo de vida, tendo o mesmo sido aprovado por unanimidade. Afirmou *“que o Doutor Henrique Viena era um Almeidense ilustre, tendo sido membro desta Assembleia durante muitos anos. Médico em Coimbra, mas acima de tudo gostava de Almeida e das suas gentes”*. Concluiu a sua homenagem pedindo que se guardasse um minuto de silêncio.

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

PONTO ÚNICO – COMEMORAÇÃO DO 49.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

O senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal abriu o período da Ordem do Dia, cumprimentando todos os presentes e informando que estavam abertas as inscrições para uso da palavra.

Tomou a palavra a senhora vereadora Catarina Vilhena, para ler o seu discurso, que se

transcreve integralmente de seguida.

"Hoje festejamos a Liberdade!

Mas, e se ela desaparecesse?

E se acordássemos um dia e nos víssemos privados desse bem tão precioso porque muitos lutaram?

Tivemos uma amostra de como seria a nossa vida no dia a dia há bem pouco tempo, com a Pandemia.

Em nome do bem de todos, ficámos em casa, encerrados, sem poder passear na rua, visitar amigos e familiares, fazer compras que não fossem essenciais, e tantas outras limitações.

Para salvarmos vidas, deixámos de abraçar aqueles que mais amamos, vivemos no medo de os infectar, e muitos de nós nem podemos enterrar condignamente os nossos mortos.

Mas a fé de que tudo era provisório e acabaria por passar, nunca nos abandonou.

E se não fosse assim? E se voltássemos a um tempo, do qual já não somos muitos a lembrar-nos, um tempo em que não tínhamos direitos? Onde para tudo tinha que se pedir autorização.

Onde só os sonhos eram permitidos, porque ainda não existia maneira de entrar no nosso cérebro e prender-nos por sonhar.

A vida é um ciclo!

E se assistimos à repetição dos piores momentos da história, também é por culpa própria!

De algum modo as gerações que precedem esses momentos não conseguem passar os valores que impedem o ressurgimento de guerras e novas ditaduras.

É nossa função, não só enquanto pais e educadores, mas também enquanto seres sociais, a de semear valores como o respeito, a gratidão e a aceitação.

A Liberdade constrói-se no respeito pelos outros, no deixarmos de julgar, como se a nossa verdade fosse a única verdade.

E isto ensina-se!!!

Passa-se para as novas gerações!!

A não ser assim, chegamos a resultados como os que estamos a viver neste momento, com partidos que surgem e crescem defendendo os ideais do Fascismo!

Como é que é possível que tenhamos políticos na Assembleia da República, a casa da democracia, que pretendem destruir as memórias do 25 de Abril?

Que pretendem voltar a um tempo em que as mulheres não tinham sequer o direito de conduzir um automóvel, mesmo que trabalhassem para o pagar, sem a autorização escrita do marido?

Em que as pessoas não podiam juntar-se na rua para conviver!

Em que os jovens eram mandados para uma guerra sem sentido!

Rol
MIRIN
Lene

Rel

MARÇO

leves.

São estas histórias que temos de repetir incansavelmente, para que seja a mensagem que passe e perdure!

Termos políticos fascistas é um ultraje para este país, mas a verdade é que também isso é Liberdade!

Fui pesquisar a definição de liberdade e consultei o Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Entre as várias descrições temos que:

Liberdade é o grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal; ou, é a possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com a sua vontade, a sua consciência, a sua natureza.

Mas, na minha pesquisa, também me deparei com um poema de José Jorge Letria e percebi que a Liberdade não é uma definição.

A Liberdade está dentro de nós!

Sente-se ou não se sente, porque todos podemos ser livres na teoria e continuarmos aprisionados por dentro. Prisioneiros de valores racistas, de incompreensão para com os outros, senhores da nossa quinta pessoal, que tratamos sempre como sendo mais importante do que a dos que estão ao nosso lado. E não conseguimos perceber que todos têm o direito de sonhar e de viver a sua verdade, em Liberdade.

Por isso termino com esse mesmo poema, tirado de um livro para crianças, pois é nelas que temos que cimentar este conceito, para que a história, do tempo do Lobo mau, não se repita.

A Liberdade o que é?

A Liberdade é um pássaro sem medo a cantar dentro da boca

A Liberdade é um livro escrito com a tinta de que são feitos os sonhos

A Liberdade é um livro sempre aberto na página ainda por escrever

A Liberdade é um circo que torna livres todos os bichos

A Liberdade é uma rua a desaguar ao luar, no infinito

A Liberdade é um caracol a brincar com o sol

A Liberdade é um comboio a atravessar as nuvens

A Liberdade é um velho para sempre criança

A Liberdade é um gato apaixonado pela lua

Viva a Liberdade “

Seguidamente discursou o senhor João Filipe Coelho, em representação do Grupo Municipal do Partido Socialista, cujo discurso, seguidamente se transcreve.

“Bom dia a todos!

Rel

MAR 13

lined

Cumprimentar e agradecer a todos presentes o facto de terem vindo a esta sessão solene da Assembleia Municipal.

Exmas. Sras., Exmos. Srs.

Porque estamos reunidos aqui hoje, em sessão solene?

Afinal, qual é o seu significado?

Vimos aqui prestar o nosso tributo a uma data histórica e determinante para Portugal, homenageando todos, os que, antes e depois de 25 de abril de 1974, contribuíram para construir um país mais livre e mais democrático.

A liberdade, palavra icónica da Revolução dos Cravos, é um direito de todo o ser humano, e pela qual todos devemos lutar.

O 25 de abril de 1974, e acontecimentos posteriores, possibilitaram a Portugal seguir o caminho da democratização, da integração europeia e de mudanças económicas que, conjuntamente com outros desafios, conduzem a uma sociedade mais justa e ao aumento do bem-estar de toda a população.

Muito se conseguiu nestes 49 anos, mas ainda há tanto para conquistar.

Hoje defender a liberdade e os valores humanistas, exige uma nova consciência e uma nova ação.

Vivemos um tempo particularmente complexo e exigente, com novos problemas e novos desafios.

Porque a LIBERDADE, como bem sabemos, não nasce connosco, CONQUISTA-SE!

A 25 de abril de 1974, os portugueses souberam conquistá-la, após anos e anos de luta, sonho e resistência. O povo juntou-se aos Capitães de Abril desferindo a estocada final num regime decadente, que mantinha o povo amordaçado.

Nós, os mais jovens, que já nascemos em liberdade, somos todos os fiéis depositários dessa herança, e cabe-nos o papel de a defender até às últimas consequências e de contribuir diariamente para o seu aperfeiçoamento.

Por isso, nunca será demais recordar o Dia da Liberdade.

O 25 de abril foi também uma conquista do Poder Local, aquele que é mais próximo e direto das populações.

Os pequenos passos que damos nas nossas autarquias são fundamentais, daí a expressão “Agir local, pensar global”.

Cabe aos municípios e freguesias, a missão de adaptar políticas para ir de encontro com as características do seu território e da sua população.

Lembrar também que o 25 de abril de 1974 é sinónimo de várias conquistas:

Rel
MAD
Luis

- O salário mínimo nacional beneficiou, na altura, cerca de metade dos trabalhadores portugueses, que passaram a ganhar 3300 escudos por mês (o equivalente a 16.50€), melhorando assim as suas condições de vida;
 - Foi criado o subsídio de desemprego, e mais tarde, estipulado o subsídio social de desemprego;
 - Foram definidas regras para os despedimentos coletivos, assim como foram proibidos os despedimentos sem justa causa;
 - Neste período, após o 25 de abril de 1974, foi também estipulado o direito a férias e o seu respetivo subsídio de férias;
 - O limite de horas de trabalho também foi alvo de alterações. Em 1991 a semana de trabalho foi revista de 48 para 44 horas, e cinco anos depois passou para 40.
 - Foi regulado o direito à greve;
 - Outra novidade foi a licença de maternidade. Hoje, essa licença já pode ser partilhada entre a mãe e o pai;
 - O Sistema Nacional de Saúde foi uma das grandes conquistas e uma das mudanças mais profundas na sociedade. De recordar que antes do 25 de abril a assistência médica não estava acessível a todos;
 - O fim da ditadura democratizou também a Educação. Tornando possível o acesso ao Ensino Superior pela generalidade da população;
 - E mais mudanças houve, em diversas áreas, no entanto é fulcral que continuemos o caminho de aperfeiçoamento das políticas de modo a seguirmos este caminho de uma sociedade mais justa, mais democrática e mais igualitária. O 25 de abril de 1974 foi só o começo de um longo caminho que idealizámos e assumimos a responsabilidade de o trilhar. Essa responsabilidade não é só dos políticos, é de todos os portugueses. É nossa!
- Hoje, além de recordar as conquistas, também devemos refletir o que ainda falta fazer.
- Muito do que somos hoje é resultado da educação e dos valores que os nossos pais nos transmitiram.
- Na generalidade, os homens e mulheres de abril, colocaram nos seus filhos a ilusão de terem uma vida melhor e economicamente mais estável do que eles tiveram.
- Filho, estuda que eu não tive oportunidade. Tira um curso superior que assim consegues um emprego melhor. Não fiques aqui no interior que isto não é futuro para ninguém...
- E nós, ouvindo os conselhos dos nossos pais, estudámos, muitos tiraram o seu curso superior e saíram do interior para os grandes centros urbanos.
- Mas... a vida que os pais pensavam ser melhor, a que eles tinham sonhado viver e não viveram, não trouxe a estabilidade e a felicidade esperada.

A geração mais bem preparada de sempre, tem agora grandes dificuldades em encontrar emprego na área da sua formação, e a nível salarial pouco mais recebe que um salário mínimo, e por vezes nem disso passa.

Viver nos grandes centros urbanos tornou-se uma missão quase impossível para as gerações mais novas, com a habitação a atingir valores incompatíveis para o nível de rendimento que têm.

Ao longo destes anos, o interior foi perdendo grande parte da sua população, que veio a originar um desequilíbrio, a nível territorial, da nossa representatividade política, como por exemplo, na Assembleia da República.

O distrito da Guarda, perdeu metade dos seus deputados, passámos de 6 para 3. E assim se passou em praticamente todos os distritos do interior, foram perdendo a voz e a atenção política do poder central relativamente a estes territórios.

Felizmente, temos hoje governantes que voltaram a dar a importância devida ao interior, e que têm trabalhado afincadamente para que se concretizem projetos estruturantes no distrito da Guarda.

Já era tempo, de colocarmos novamente o nosso território na agenda da política nacional.

Com o 25 de abril de 1974, iniciou-se um processo de transformação de um País, que tem todas condições para ser dos melhores do mundo para se viver.

Infelizmente, para as gerações mais novas, o sonho continua a adiar-se.

Uma das principais causas é que a emancipação jovem acontece cada vez mais tarde, a independência tarda a vir e muitos já nem pensam em constituir família e ter filhos.

A população de um país precisa de se renovar para garantir a estabilidade política, social e económica.

O governo, atento a este problema, já tem em marcha um conjunto de medidas para tentar inverter esta tendência.

Mas também o poder local pode agir neste sentido, desenvolvendo políticas diferenciadoras de incentivo à fixação de pessoas, incentivo à natalidade e disponibilização de habitação acessível.

Só ter contas certas e não ter pessoas não nos vai trazer um futuro promissor.

Uma criança quando nasce, torna-se um ativo económico para o País, paga impostos, usa os serviços e torna-se mais um consumidor para as empresas. Não é uma despesa para o estado, é um investimento de retorno garantido.

Deixo aqui um alerta, se esta tendência da baixa natalidade não se alterar, a nossa sociedade corre o risco de sofrer alterações profundas, quer a nível cultural, quer a nível social. Tais alterações, podem originar problemas e descontentamento na população, que os partidos extremistas irão aproveitar para o seu discurso.

Rafael
Mário
Lemos.

O risco de um partido extremista vir a tornar-se poder vai aumentar, e a LIBERDADE poderá ser colocada em risco.

Não podemos deixar que isso aconteça, a democracia, a liberdade e a igualdade, são direitos conquistados por um povo que muito sofreu e lutou para agora os termos garantidos.

Que a memória do 25 de abril de 1974 perdure sempre no povo português.

Viva o 25 de abril!

Viva Almeida!

Viva Portugal!”

De seguida, em representação do Partido Social Democrata, procedeu à leitura da sua elocução o Senhor António Manuel Albano Soares cujo texto se transcreve de seguida.

“Bom dia,

Agradeço em meu nome e da bancada do PSD e cumprimento o

Exmo. Sr.

1.º Secretário da Assembleia Municipal, hoje presidente em exercício,

Sr. Presidente da Câmara Municipal,

Srs. Vereadores,

Srs. Deputados Municipais,

Srs. Presidentes de Junta de Freguesia,

Restantes entidades presentes e convidados,

Aproveitava também para enviar um cumprimento especial aos companheiros e companheiras de bancada do PSD por depositarem na minha pessoa a confiança para esta honrosa intervenção numa data tão especial para o concelho de Almeida e para Portugal, obrigado a todos.

Hoje comemoram-se os 49 anos da revolução de abril que pôs fim ao regime autoritário do Estado Novo de Oliveira Salazar que durante 48 anos fechou o nosso país ao mundo.

A 25 de abril de 1974 o Movimento das Forças Armadas com o apoio popular, devolveu aos portugueses uma nova esperança no futuro. Apesar de ser uma revolução em que nada se comparava a outras, dado que ficou conhecida pela Revolução dos Cravos e não das balas, seguiu-se ao 25 de abril de 1974 um período de agitação social, política e militar, período esse denominado como o PREC (Período Revolucionário em Curso) marcado por manifestações, governos provisórios, nacionalizações e outras ações de luta que viriam a terminar com o 25 de novembro de 1975, estabilizando dessa forma a democracia em Portugal.

Aos capitães de abril e a muitas figuras ilustres que lutaram contra o regime de Oliveira Salazar devemos o nosso maior respeito e agradecimento. Devemos fazer as pazes com a História,

Rub
MIGUEL
lones

passados 49 anos não faz sentido, principalmente para as gerações mais novas, continuar com argumentações na tentativa de alguns puxarem para si só a revolução de abril. O importante é transmitir aos mais novos que a coragem e a resiliência são atributos que nos foram passados por estes homens e mulheres que colocaram o bem de todos à frente do interesse pessoal, esse é o desígnio, até porque a democracia não é uma certeza adquirida, a democracia exige uma sentinela permanente porque por vezes o Poder suscita no homem os seus mais rocambolescos anseios.

Passados 49 anos da revolução de abril essa sentinela à democracia urge estar muito atenta, o crescimento dos extremismos é um alerta pelo qual devemos ter a maior atenção e precaução.

O equilíbrio e o bom senso que deveriam ser o pendulo de um regime democrático começam a dar lugar às posições extremadas e intolerantes não permitindo um diálogo construtivo com o objetivo de satisfazer tudo e todos, ou seja, satisfazer aquilo que são as verdadeiras necessidades dos cidadãos. Hoje o mundo está quase a preto e branco, existe pior perigo para a democracia? A estratégia para combater estes novos fenómenos exige uma luta de todos, mas primeiro que tudo exige uma profunda reflexão daquilo que temos feito mal até agora porque foi por decisões e planeamentos sociais e económicos erráticos que chegámos a esta degradação do fenómeno político. Depois dessa reflexão será impreterível restaurar a confiança dos cidadãos nas Instituições e no aparelho de Estado, é para isso que devemos trabalhar, de outra forma os extremismos irão continuar a crescer. Nesta matéria é igualmente importante considerar o seguinte, os extremos são dois, e se normalizamos um dos lados estaremos a alimentar o outro, ou seja, ambos os extremos devem ser combatidos.

É importante repor a confiança, é importante trazer os jovens para a causa pública, não podemos continuar a enterrar a cabeça na areia, temos neste momento um governo de maioria absoluta com 2.300.000 votos num universo de cerca de 11 milhões de inscritos, estes resultados só são possíveis fruto de uma abstenção a rondar os 50%, metade da população não vota, não foi para isto que em abril de 1974 alguns heróis nos deram a democracia e o direito ao voto.

Depois de abril de 1974, Portugal iniciou o seu caminho de modernização tentando alcançar os seus vizinhos europeus, fruto de uma ditadura de 48 anos, Portugal estava visivelmente atrasado em algumas variáveis, ou quase todas. A saúde, a educação, a cultura, o desenvolvimento das pequenas e médias empresas, a liberdade de expressão, a justiça, as forças de segurança...todo o país precisava de se encontrar com o caminho do desenvolvimento Ocidental. A entrada de Portugal na EU, à altura CEE, em 1986 veio contribuir para este desenvolvimento sustentável. Muito à custa dos subsídios europeus Portugal consegue criar infraestruturas de qualidade e relevo por todo o território nacional, incluindo claro, o Interior. Agora demoramos pouco mais que três horas a chegar a Lisboa de automóvel, até aos anos 90

R. J. -
MURTO
Lous.

essa mesma viagem durava dez horas, este é um pequeno exemplo entre muitos no Interior desde 1974 para cá. No entanto fomos esquecendo, ou ignorando, o despovoamento cavalgante deste território chegando a números verdadeiramente assustadores, muitos concelhos como o nosso foram criando infraestruturas de necessidade e de lazer nos seus territórios ao longo dos últimos 30 anos, neste momento muitos desses equipamentos não têm utilizadores por via do despovoamento, algo esteve mal neste processo, urge o poder central tomar medidas de repovoamento do nosso território. De forma séria Portugal precisa de uma descentralização eficaz e sustentável porque se assim não for os nossos territórios serão um deserto populacional daqui a 30 anos. As ações e boa vontade do Poder Local por si só nunca conseguirão inverter esta tendência do despovoamento, é preciso um compromisso do poder central para tornar a reabilitação económica e social do Interior de Portugal num desígnio nacional, e a qualquer poder central, independentemente da cor política que esteja em funções.

Esta também foi uma das premissas do 25 de abril de 1974, o desenvolvimento sustentável de todo o país, de Norte a Sul, do litoral ao interior.

Termino com palavras de reconhecimento aos heróis de abril, nunca serão esquecidos, aliás serão sempre um exemplo pela luta dos direitos dos oprimidos, e é exatamente isso que deveremos transmitir à juventude, até porque será a eles que caberá a difícil tarefa de salvaguardar a democracia e a liberdade nestes tempos tão conturbados.

Viva o 25 de abril!

Viva o Concelho de Almeida!

Viva Portugal!

Ato contínuo, terminadas as intervenções, o Presidente da Assembleia Municipal agradeceu a participação de todos os intervenientes naquela Assembleia, convidando todos a se deslocarem até ao Monumento do 25 de abril, edificado no Largo do 25 de abril. Desejou um resto de bom feriado a todos os presentes, agradecendo a presença e declarando, de seguida, encerrados os trabalhos.

ENCERRAMENTO

Nada mais havendo a tratar nesta sessão, eram onze horas e quinze minutos, do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte três, quando o senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Almeida, deu por encerrada a presente sessão, da qual, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada nos termos da Lei, na sessão seguinte, pelo Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal desta sessão, João Paulo Pires Rolim, pelo

Rolim
MATEO
Lemos

Segundo Secretário, Mariana de Almeida Estevão e por mim, Lara Catarina Pereira Gomes Silva, que a subscrevi.

O Presidente da Mesa João Paulo Pereira Rebelo

O Segundo Secretário Mariana de Almeida Estevão

A Assistente Técnica Lara Catarina Pereira Gomes Silva